

AS RAÍZES CÓSMICAS DA GEOGRAFIA: REFLEXÕES SOBRE OS MISTÉRIOS DOS PORÕES

JULIANA SCHWINGEL BROILO¹; GABRIELA DAMBRÓS²; VICTÓRIA SABBADO
MENEZES³

¹*Universidade Federal de Pelotas – jubschwingel@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – gabbydambros@yahoo.com.br*

³*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – victoriasabbado@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas discussões acerca da epistemologia da ciência geográfica, relacionando com o contexto atual e algumas reflexões sobre desafios e possibilidades dessa ciência. Tal delimitação surge por inquietações geradas durante o curso de licenciatura em Geografia, que fluíam, de forma semelhante, sempre para a foz das questões sobre fundamentação filosófica.

“As raízes cósmicas” é um termo utilizado por Bachelard (1996a), se referindo a sustentação de uma casa, raízes que espacialmente se localizariam no porão. Essa ideia decorre da topoanálise proposta por ele, em que, no caso da casa como um todo, é entendida verticalmente, dividida em três espaços: os corredores (lugares comuns do cotidiano); o sótão (espaço das fantasias e projeções); e os porões (espaço da escuridão e dos mistérios). O autor associa essa estrutura à psique humana, porém aqui essa Poética do Espaço é direcionada para a compreensão da Geografia, enquanto ciência e disciplina. Como Veiga-Neto (2012) explica:

Se nos deixarmos prender nos andares intermediários, sem habitar o sótão e o porão, perderemos boa parte de nossa própria condição humana, pois, enquanto lá no sótão se dão as experiências da imaginação e da sublimação, é lá no porão que estão as raízes e a sustentação racional da própria casa.

Bachelard (1996a) afirma que é necessário uma “função de habitar” para, então, chegar a uma “função de construir”. Não apenas relacionado à casa e à psique, mas também à Geografia, a função de habitar requere à ida aos porões. Se para a psique humana os porões representam o inconsciente, para a Geografia aqui representará as profundezas da ciência geográfica, as inquietações filosóficas e as concepções epistemológicas construídas historicamente que estruturam a base para toda a casa. Como salientado por Veiga-Neto (2012), nos porões a racionalização é mais lenta. Habitar essas profundidades se trata de conhecer as irracionalidades iluminando a escuridão do subsolo, o que, no caso da ciência, é compreender a formação do que se resguarda nas sombras: ideias e pensamentos que orientam nossa existência, mesmo que não as percebamos.

2. METODOLOGIA

Se trata de uma pesquisa teórica, com base em análise de referencial bibliográfico. No que tange a epistemologia da ciência, com foco para questões do espírito científico, utilizou-se Bachelard (1996b). Aprofundando na epistemologia

da ciência Geográfica, foram realizadas leituras de Moraes (1987), Gomes (1996) e Suertegaray (2005), que notadamente explicitam períodos marcantes na constituição da Geografia enquanto ciência.

Adentrando para a caracterização do período histórico que se vive e algumas considerações sobre o panorama da epistemologia da Geografia atualmente, teve-se como base Milton Santos (2005), em seu escrito “Para que a Geografia mude sem ficar a mesma coisa” (originalmente publicado em 1982); e Guimarães (2017), que, ao analisar encontros geográficos, identifica alguns aspectos sobre discussões epistemológicas que têm sido realizadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ciência é semeada em conjunto com a ascensão da racionalidade, em oposição ao sistema social e político anterior à democracia e aos tempos modernos. Baseada nos princípios da sistematização e comprovação, a ciência passa a repartir a realidade para ser analisada em áreas de pesquisa (BACHELARD, 1996b). O que delimita a pesquisa enquanto ciência é o processo investigativo, dotado de método científico, o qual se altera segundo as especificidades das áreas, dos interesses da pesquisa e das ferramentas disponíveis para análise e coleta de dados.

Bachelard (1996b) identifica obstáculos epistemológicos que impedem a formação do espírito científico, já que, em busca de reconhecer a realidade – como a ciência se propõe –, temos entraves que se remetem à própria condição humana. Embora envolta em propostas de neutralidade, a ciência moderna esteve à mercê das perspectivas dos cientistas bem como das condições sociais e históricas. Como afirma Bachelard (1996b, p. 18), “[...] diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber”. Mesmo no momento em que se projeta luz sobre as sombras, algo permanecerá ocultado, no sentido de que toda a luz gera uma respectiva sombra. No caso dos obstáculos epistemológicos, se encobre possibilidades de reconhecimento do real no sentido de que há uma carga psicológica do pesquisador, uma carga de memórias e internalizações que influenciam nos caminhos que se toma. Outro obstáculo que Bachelard (1996b) identifica é a manutenção do conhecimento geral e unitário, que mesmo com a sua obsolescência é mantido para conservar determinados interesses.

Repensar continuamente a ciência, no sentido de seus objetos, métodos e objetivos é poder formar o espírito científico e, assim, conseguir ultrapassar esses obstáculos epistemológicos. A epistemologia, como ramo da filosofia, estuda o conhecimento científico em sua delimitação, sua forma de construção em busca de entender-lo em essência. Esse estudo possibilita também compreender os resultados que se quer alcançar, sendo relevante justamente por desembocar na realidade concreta: a ciência é um instrumento de manutenção de interesses, se não compreendemos suas motivações profundas, alguém irá defini-las e perpetuá-las (SUERTEGARAY, 2005).

A epistemologia da Geografia se apresenta atualmente principalmente na forma do estudo da história do pensamento geográfico, como pode ser observado em Moraes (1987), Gomes (1996) e Suertegaray (2005). Como referências ao estudo da epistemologia, essas obras se estruturaram a partir de momentos-chave na história da Geografia. Nesses momentos constituíram-se correntes do pensamento, as quais mantinham perspectivas semelhantes do que seria a Geografia e qual seu propósito. Vale ponderar que essa perspectiva histórica revela, principalmente, autores que se destacaram em sua época, realizando, por

vezes – com exceção de Suertegaray (2005) –, o ocultamento daqueles que não foram difundidos em função de seu posicionamento político e social na época – como o exemplo Elisée Reclus e Piotr Kropotkin no século XIX.

Milton Santos (2005) tece uma complexa crítica à Geografia, que “acabou por se tornar a viúva do espaço, indiferente à sorte do homem” (SANTOS, 2005, p. 126). Isso se deve ao percurso histórico que se construiu, em que, desde sua sistematização, a Geografia esteve à serviço de todo tipo de poder, de forma instrumental. O autor provoca que o que faltava, de fato, era a construção de uma teoria solidamente estabelecida com uma preocupação social. Com exemplos do neoculturalismo, neodarwinismo e sociobiologia, provoca que o uso de noções a serem transportadas para a Geografia têm falhado em função da falta de articulação entre o nosso objeto de conhecimento (o espaço geográfico) e o pensamento filosófico.

O momento histórico atual se caracteriza pelo ritmo acelerado, pela escala globalizada e pelas fragmentações do real. Guimarães (2017) identifica impactos na ciência geográfica que se relacionam com essa realidade: a Geografia se “pulveriza” em “Geografias setoriais” ou “ciências da fronteira” (como Geografia Urbana, Geografia Agrária, Geomorfologia, Geografia Cultural, Geografia Econômica, Biogeografia, etc.), em que se cria um campo de conceitos que se aplicam somente à alguma Geografia aplicada, com conceitos distintos partilhando da mesma terminologia, gerando “um festival de expressões conceituais sem qualquer lastro com as bases epistemológicas que deveriam lhe dar sustentação lógica” (GUIMARÃES, 2017, p. 5471).

A Geografia acaba por dissolver-se na hiperespecialização, o que leva à questionamentos não apenas sobre do que se trata essa ciência, mas, também, de quais suas razões de ser em detrimento da possibilidade de substituição pelas “ciências de fronteira” (como seria com Geografia Econômica e Economia, por exemplo). Esse fenômeno é relacionado, tanto por Guimarães (2017) como por Santos (2005), com o uso da técnica com inclinação utilitarista, isto é; quando não se reflete profundamente acerca da identidade e da função social da ciência, permite-se a apropriação da técnica para reprodução de determinadas ideias hegemônicas. Como afirma Guimarães (2017, p. 5471):

Parte considerável desses imbróglios deve-se ao peso que as chamadas “Geografias aplicadas” passaram a ter na formação do geógrafo. De cunho mais utilitarista, tais especialidades devotam-se às exigências da divisão do trabalho, reduzindo-se a uma técnica a serviço da eficiência e da competitividade. A reflexão teórica, se não completamente ausente, só se sustenta mediante sua aplicabilidade para tais fins.

Torna-se fundamental discutir sobre a história do pensamento geográfico, para compreender porque resultamos no contexto atual, mas, também, aprofundar as questões abstratas como as categorias geográficas e o objeto de estudo dessa ciência. Isso necessita a compreensão da importância da reflexão teórica, buscando aprofundar-se nas origens das concepções, no que leva à nossa interpretação do real. Refletir, afinal, envolve buscar perceber as formas de olhar a realidade – o que envolve o próprio questionamento a si mesmo, como profissional geógrafo e sua inserção na atual sociedade. Compreender as próprias lentes, para, então, conseguir prosseguir com a formação do seu próprio espírito científico. Santos (2005, p. 132) explica que:

Todo cuidado é pequeno. É justamente nas fases que a história se acelera, que os conceitos envelhecem mais depressa, abandonados pela realidade em manutenção rápida. É a própria realidade que temos

que apreender, para não vermos escapar de nossas mãos a compreensão do Presente e a possibilidade de ganhar o Futuro.

Aos fins do século XX, a Geografia enfrenta uma dicotomia, segundo Santos (2005), mais confusa: de um lado aqueles que assumem posições próprias e utilizam dos recursos intelectuais para ajudar a servir o futuro, em contraposição àqueles que se põem a serviço de ideias programadas e se esforçam para salvaguardar o passado. Essa dualidade vem trazendo à Geografia formas “larvares” ou “camaleônicas”, acordando com a especialização que identifica Guimarães. É necessário, de fato, muito discernimento e práxis do Geógrafo para poder conhecer-se a si e conhecer a Geografia.

4. CONCLUSÕES

Ao debater sobre ciência e epistemologia, não é possível desassociar o processo formativo que leva a tais condições. Quando os autores se referem, por exemplo, ao utilitarismo e hiperespecialização que têm sido identificados, há que compreender que se trata, também, de um reflexo das exigências que o mundo atual tem feito. O que leva à inúmeras inquietações: Quais os efeitos para a Geografia, e da Geografia para o mundo, gerados por esse utilitarismo? Como buscar transformar essa realidade? E, se transformando, que rumo tomar?

Sem dúvida, a defesa da reflexão teórica aprofundada durante o percurso da formação inicial é necessária. A forma que isso será feito já envolve tantas variáveis que se torna difícil mensurar aqui. Do micro ao macro, desde ementas de disciplinas até debates em grandes eventos, envolvem a realidade concreta que permeia esses tempos. A complexidade do tecido construído globalmente deve ser discutida e estudada pelos geógrafos, com a consciência da função social da ciência geográfica e das possibilidades desse conhecimento para o mundo que se almeja construir.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. Eldorado: Rio de Janeiro, 1996a.
_____. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996b.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia e modernidade. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1996.
- GUIMARÃES, Humberto Goulart; LIMA, Elias Lopes de. Os fundamentos ontoepistemológicos da geografia frente às fragmentações teóricas e práticas. Anais do ENANPEGE, Porto Alegre, Out. 2017.
- MORAES, A. C. R. Geografia – Pequena História Crítica. Editora Hucitec. 1987. São Paulo.
- SANTOS, Milton. Para que a Geografia mude sem ficar a mesma coisa. R.RA'EGA, n. 9, Curitiba: Editora UFPR, 2005. p. 125-134.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Notas sobre a epistemologia da Geografia. Cadernos Geográficos / Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências. – n.1 (maio 1999)- . – Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.
- VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. Revista Brasileira de Educação, v. 17, nº 50, maio-ago, 2012. p. 267 – 282.